

QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL: METÁFORA OU METONÍMIA? (Quantity is vertical elevation: metaphor or metonymy)

ABSTRACT

The present work aims to discuss how metaphor and metonymy interact at the conceptual level in the emergence of the figurative language licensed by the primary metaphor QUANTITY IS VERTICAL ELEVATION. The analysis of the Portuguese and English metaphoric expressions will be based on the following works: Radden (2002), Grady (1997) e Lakoff (1987), Lakoff & Johnson (1980, 1999).

Keywords: cognitive linguistics, primary metaphor, metonymy.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir como processos metafóricos e metonímicos interagem na geração da figuratividade da metáfora primária QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL. Para atingirmos nossos objetivos, utilizaremos como base para a análise das expressões metafóricas em português e em inglês, os princípios e a metodologia utilizados por Radden (2002), Grady (1997) e Lakoff (1987), Lakoff & Johnson (1980, 1999).

Palavras-chave: lingüística cognitiva, metáfora primária, metonímia.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A emergência de metáforas e metonímias conceptuais tem sido objeto de investigação dentro da rica e diversificada literatura a respeito da metáfora conceptual. Trabalhos relevantes como: *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*, Dirven & Pörings (2003); *How metonymic are metaphors?*, Günter Radden (2003); *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*, Barcelona (2000); *The interaction of metaphor and metonymy in composite expressions*, Geeraerts (2003), onde é introduzido o termo *metaphonymy* (metaftonímia); *Clarifying and applying*

* UFC.

the notions of metaphor and metonymy within cognitive linguistics: an update, Barcelona (2003); *Metaphor in cognitive linguistics*, Gibbs & Steen (1999) e *Patterns of conceptual interaction*, Ibánêz & Velasco (2002) mostram não somente como esses dois processos cognitivos interagem na emergência da figuratividade de conceitos mas, também, a tênue linha que separa metáfora de metonímia.

1. METÁFORA CONCEPTUAL: SUAS CARACTERÍSTICAS

A tese central da metáfora conceptual defendida por Lakoff (1987), Lakoff & Johnson (1980, 1999) é da evidência da manifestação sistemática, ubíqua e recorrente do pensamento metafórico na linguagem própria do dia-a-dia. Como afirma Gibbs (1994), expressões como *não posso derrubar seus argumentos*, *ele chegou ao fim de sua vida*, *a inflação subiu e passe o sal*, não podem ser interpretadas como manifestações “da mente poética” do homem. A metáfora conceptual deve ser entendida como uma matriz, um esquema ou padrão conceptual, sob a seguinte forma proposicional X É Y, em que X é elemento constitutivo do domínio-alvo e Y é elemento constitutivo do domínio-fonte.

Outro pilar da teoria tem como base o princípio de que as metáforas estruturam em grande parte o pensamento e o raciocínio. Essas atividades cognitivas possibilitam a organização do conhecimento em domínios mais ou menos abstratos, onde os conceitos são acomodados. Os conceitos emergem, pois, do mapeamento ou correlações que se estabelecem entre domínios originando, assim, uma matriz, um padrão, melhor dizendo, um substrato conceptual que, ao seu turno, é gerado por bases físicas e pela experiência.

O realismo corpóreo, *embodied realism*, adotado pelos autores considera que a nossa compreensão do mundo é modelada e limitada, em grande parte, por nossas faculdades perceptuais, pela conformidade anatômica de que somos dotados, por padrões de atividades neurológicas de nossos cérebros, bem como por experiências e ações situadas e definidas no mundo. O pensamento é também para os autores em grande parte inconsciente, isso significa que não temos acesso direto aos mecanismos envolvidos na produção e na construção do sentido. A consciência ultrapassa o universo fenomenológico da percepção e da razão, também corporificada, *embodied*, e perde sua natureza puramente metafísica, como acreditada ser anteriormente.

Na perspectiva da metáfora conceptual, a identificação e descrição dos domínios fonte e alvo, envolvidos no processamento do pensamento metafórico, constituem uma etapa fundamental. Cada domínio possui princípios que merecem observação, pois possuem características distintas, além de contribuírem de forma qualitativamente diferente para o processo.

Segundo Grady (1997), o domínio-fonte apresenta as seguintes

características: tem conteúdo de imagem que possui nível esquemático de especificidade; abriga experiências simples, no sentido fenomenológico. Vale ressaltar que essas experiências estão ligadas a objetos ou ações dirigidas à realização de metas completas (gestalt experiencial) de forma previsível; deve estar correlacionado de maneira estável e recorrente com outro domínio da experiência; deve referir-se a elementos universais da experiência do homem “que não seja aprendida” e abriga conceitos relacionais entre “propriedades de” ou “relações entre” objetos ou mesmo ações que os envolvam.

Ainda em linha com o autor, o domínio-alvo, por sua vez, não possui conteúdo de imagem; não abriga percepções e sensações diretas do mundo; refere-se a unidades básicas “respostas cognitivas” de nossas experiências, cujo mapeamento com o domínio-alvo corresponde ao nível cognitivo mais baixo de acesso à consciência.

Para Lakoff & Johnson (1980) o mapeamento entre os domínios fonte e alvo é estruturado de forma sistemática, resulta de correspondências ontológicas e epistêmicas entre as entidades de cada domínio incluindo suas respectivas ações e objetivos específicos. A linguagem seria, finalmente, o reflexo desses mapeamentos. Vejamos, então, como emerge o sentido a partir da proposta dos autores aqui discutidos e como podemos identificar, através de expressões lingüísticas, parte do processamento do pensamento metafórico presente na linguagem cotidiana. Tomemos como exemplo a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA/ARGUMENT IS WAR. Certamente já nos deparamos com expressões como [Zanotto e Maluf (Lakoff & Johnson, 1980): p. 46]:

1. Seus argumentos são *indefensáveis*./Your claims are *indefensible*.
2. Ele *atacou todos os pontos fracos* da minha argumentação./He *attacked every weak point* in my argument.
3. Suas críticas foram *direto ao alvo*./His criticisms were *right on target*.
4. *Destruí* sua argumentação./I *demolished* his arguments.
5. Jamais *ganhei* uma discussão com ele./I've never won an *argument* with him.
6. Você não concorda? Ok, *atire!* Ok, *ataque!*/You disagree? Okay, *shoot!*
7. Se você usar essa *estratégia*, ele vai *esmagá-lo*./If you use that *strategy*, he'll *wipe you out*.
Ele derrubou todos os meus *argumentos*./He *shot down* all my arguments.

Através das expressões metafóricas acima, percebemos que todo o vocabulário licenciado para falar sobre uma DISCUSSÃO (domínio-alvo) origina-se em GUERRA (domínio-fonte). Senão, vejamos: numa *discussão*, usamos *estratégias* para *defendermos* nossos pontos de vista; *atacamos* os argumentos

do nosso interlocutor que é, naquele momento, nosso *adversário*; os argumentos são o *alvo* dos nossos *ataques*; *perdemos* ou *ganhamos* com nossas *armas*, que são os argumentos, enfim, as correlações estabelecidas entre os dois domínios e a recorrência dessas correlações resultam na emergência do conceito metafórico.

O mais importante é que, sequer, nos damos conta disso. Isto significa dizer que se trata de uma operação cognitiva legítima inerente à nossa forma de pensar e raciocinar a respeito das nossas experiências. Para Grady (op.cit: p.155) as faculdades que reconhecem similaridade, relação, inclusive de parte-todo são o fundamento de nossa arquitetura cognitiva.

2 METÁFORA PRIMÁRIA: SUAS CARACTERÍSTICAS

Grady (1997: p. 20-25), ao rever a teoria da metáfora conceptual proposta por Lakoff & Johnson (1980), propõe uma nova abordagem para a metáfora. Sua proposta está ligada a aspectos não esclarecidos pela teoria, que incluem: a falta de base experiencial clara entre domínios-fonte e alvo resulta na imprecisão de quais domínios servem para ser alvo, enquanto outros servem para fonte; a falta de consistência entre mapeamentos relacionados leva a pergunta “por que alguns elementos do domínio são mapeados, enquanto outros não o são?”; a não identificação dos fatores determinantes para a direcionalidade entre domínios; aos propósitos da metáfora e, finalmente, o que motiva a metáfora e como ela acontece, a partir da interação entre metáforas (GRADY, op.cit.: p. 10-14).

Esses questionamentos levaram Grady (op. cit.) a propor um modelo de análise metafórica que visa estabelecer a relação entre experiências acumuladas pelo homem e a geração de metáforas primárias através da identificação de etapas intermediárias que incluem: basic events/eventos básicos, cognitive abilities and structures/habilidades e estruturas cognitivas, primary scenes and subscenes/cenas primárias e subcenas, conceptual biding/conflação conceitual, deconflation/desconflação, primary metaphors/metáforas primárias.

Com base nesse modelo, descreveremos a metáfora QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL por meio da identificação dos mapeamentos das cenas primárias, levando em consideração a natureza dos conceitos-fonte e alvo. Com os resultados obtidos, poderemos verificar como metáfora e metonímia se correlacionam para a geração de metáforas primárias.

Os eventos básicos são eventos específicos ou cenas ricas em conteúdo de imagem que ocorrem de forma regular em nossas experiências e estão relacionados a objetivos específicos. As habilidades e estruturas cognitivas são respostas (interpretações) às experiências perceptuais através de operações inatas. As cenas primárias e subcenas são o produto cognitivo resultante da experiência subjetiva dos eventos básicos. As cenas incluem tanto o aspecto

perceptual quanto a resposta ao estímulo. As subcenas são as dimensões individuais e discretas de cada experiência.

A etapa da conflação é a fase da correlação estreita entre nossas experiências fenomenológicas que levam à reprodução dessas associações gerando matrizes cognitivas de representação do mundo.

A desconflação é a etapa de distinção entre os conceitos gerados por experiências distintas envolvidos no pensamento metafórico. A metáfora primária resultaria, então, da conflação entre dois conceitos distintos (conceito-fonte e conceito-alvo) emergentes das cenas primárias.

3 METODOLOGIA

3.1. O corpus

Para a análise da metáfora, ora em discussão, utilizamos as seguintes expressões metafóricas:

1. *No ano passado, o **crecimento das vendas** de junho em relação a maio foi de 5%. (OPovo,CE, 26/05/04, p.26)*
2. *Indústria: **mercado de tintas imobiliárias espera crescer 5%**. (<http://empresas.globo.com>) (Fev 05, 2006)*
3. *Desemprego bate recorde. O **desemprego atingiu** em abril 13,1% da população economicamente ativa (...) O recorde anterior era de 13% (...)(OPovo,CE, 26/05/04, p.23)*
4. ***Combustíveis podem subir até 15%**. O relatório bimestral de avaliação de receitas e despesas do governo federal(...) reconhece que **os preços dos combustíveis deverão crescer** entre 5% e 10% nos próximos meses em razão do **aumento do petróleo**. (OPovo,CE, 26/05/04, p.23)*
5. *Dólar: Pela 1ª vez no ano moeda **fica abaixo** de R\$ 2,20. (<http://empresas.globo.com>). (Feb 05, 2006);*
6. *A confecção **Di Pérola prepara-se para ampliar a sua produção** de 64 mil peças/mês para 100 mil peças/mês. (OPovo,CE, 26/05/04, p.22)*
7. *Segundo o governo do Estado, o Ceará pagou em oito anos em torno de 50% do que tinha do total de débito com a União. Com o novo **escalonamento** pretende pagar o restante em **22 anos e não mais em oito anos** (...)(OPovo,CE, 26/05/04, p.21)*
8. *Eles fazem parte da **alta sociedade**.*
9. *Você está adquirindo um produto de **alta qualidade**.*
10. ***House prices are rising/going up**.(English Language and Culture, 1992:1042)*
11. *The government is determined to **bring down inflation to below 5%**. The annual rate of inflation was 10%. (Collins Cobuild, 1990:674)*
12. *We're hoping for a **large sale** for our new product. (Collins Cobuild, 1990:1165)*

13. *The elevation of boiling T is determined experimentally.*(Base de dados British National Corpus)
14. *Despite his elevation of Pamela from maid to lady*(Base de dados British National Corpus)
15. *Those who have known him from the earlier period, however, were less than enthusiastic about his elevation.* (Base de dados British National Corpus)

3.2 A análise

A metáfora QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL conhecida também como MAIS É PARA CIMA (MORE IS UP) inclui-se no elenco de metáforas orientacionais em Lakoff & Johnson (1980) e está no rol das metáforas primárias em Grady (1997). A característica principal dessa metáfora está na emergência de seus conceitos com base em processos metafóricos e ou metonímicos. Os conceitos, aqui mencionados, resultam da combinação da experiência de base física, que inclui manipulação de objeto, interações perceptuais, criação de esquemas de imagem e interpretação de input sensorial, aliada à experiência cultural, resultando em instanciações coerentes, sistemáticas e recorrentes, como veremos a seguir.

Grady (op.cit: p. 24) explica a emergência dessa metáfora por meio de uma rede esquemática que tem como alicerce a hipótese da semelhança. Essa hipótese destaca a percepção co-ocorrente e recorrente de aspectos comuns ou partilhados entre entidades. A representação esquemática em forma de pirâmide proposta pelo autor inclui a ativação da correlação e co-ocorrência entre três conceitos distintos: PILHA, no topo da pirâmide e QUANTIDADE e ELEVAÇÃO nos extremos da base. A motivação para essa metáfora está alicerçada por esses dois conceitos. Kövecses (2002: p. 70-71) explica que quantidade consiste em uma escala que tem MAIS e MENOS, ao passo que verticalidade inclui PARA CIMA e PARA BAIXO. Essas correlações se fundam na experiência, perceptual, biológica ou cultural. A metáfora primária estaria entre os dois conceitos da base.

Todas as expressões apresentadas, de fato, revelam a correlação existente entre aspectos particulares da experiência que temos com “quantidade” e com “elevação vertical”. Com Grady (1997: p. 86), a cena primária emergente revela essas dimensões específicas como, por exemplo, perceber através de estímulo visual a maior ou menor quantidade de líquido em recipientes de formato diferente resultando na avaliação da quantidade.

Essas noções de quantidade podem ser expressas por meio do volume que, por sua vez, pode ser medido ou contado para avaliarmos se o número de unidades ou a medida das coisas consideradas aumentou ou diminuiu. O aumento ou diminuição das unidades também pode ser expresso fazendo-se uso de escala

da verticalidade e/ou da avaliação (axiológica), servindo como subcenas da cena primária maior.

Nas subcenas entram detalhes particulares como: posição do nosso corpo, sensação da variação de calor e percepção visual do conteúdo, por exemplo. Esses detalhes ativam o ato físico correlato e recorrente da atividade cognitiva de distinguir aspectos da experiência. Da correlação emergem os conceitos que participam do mapeamento e da predição de expressões lingüísticas utilizadas na produção e interpretação do sentido.

Vejam como as expressões metafóricas revelam os aspectos anteriormente discutidos. Considerando os argumentos de Silva (2003), Radden (2002) e Taylor (1995), percebemos que a figuratividade dessas expressões pode ser distribuída em graus distintos no *continuum* literal ® figurado, onde se acham distribuídas metonímias e metáforas.

As expressões de 1 a 7, em português, e de 10 a 12, em inglês, podem ser incluídas no *continuum* literal ® figurado e podem ser interpretadas como metonímicas ou metafóricas, pois encontram-se no estágio metonímico ® metafórico. Senão vejamos: no estágio metonímico, a interpretação sustenta-se na representação gráfica do *crescimento das vendas, do mercado e dos preços, da queda do valor de moeda, de preços e da inflação, da ampliação da produção*, como uma linha ascendente ou descendente traçada na vertical de um gráfico, com base ou na metonímia COISA POR SUA REPRESENTAÇÃO ou na ACIMA POR MAIS.

A correlação aqui estabelecida é quanto mais a linha sobe graficamente mais aumenta o ganho ou o gasto de dinheiro. No estágio metafórico, a “altura” do preço, do investimento ou da taxa está correlacionada à “quantidade” de dinheiro, licenciando a metáfora MAIS É PARA CIMA. Segundo Kövecses (2002:148), “a função principal da metonímia é prover acesso mental, cognitivo a entidade alvo que não está facilmente acessível.”

As expressões 8 e 9, em português, e 14 e 15, em inglês, são aquelas cujo grau de metaforicidade é mais alto. Trata-se de um distanciamento grande entre conceito-fonte e conceito-alvo, por manifestar uma avaliação (axiológica), construída culturalmente. O ponto mais elevado “bom” manifesta o juízo de valor a ele atribuído. Temos, então, o licenciamento da metáfora BOM É PARA CIMA.

A expressão 11, em inglês, *the elevation of boiling T*, é inteiramente metonímico, pois a verticalidade é aqui expressa por uma escala usada para dizer do efeito causado pela elevação da temperatura, que faz atingir o ponto de ebulição. A metonímia é, portanto, EFEITO PELA CAUSA.

Vejam como as expressões aqui discutidas podem ser distribuídas consoante processos cognitivos de base metonímica e metafórica:

METONÍMIA FIGURADA**METÁFORA**

	1	2	3
	Alta temperatura	Preços, inflação vendas, produção para cima ou para baixo	Alta qualidade, alta sociedade elevação
Expres. 11 (Eng.)		1 a 7 (Port.) 10 a 12 (Ingl.)	Expres 8 e 9 (Port.) 14 e 15 (Ingl.)

Adaptado de Radden (2003:409)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados aqui apresentados, parece-nos que a metáfora QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL tem suas bases na interação metonímia-metáfora. Farias & Marcuschi (2006: p. 125) afirmam que essas expressões revelam também a metáfora MAIS É PARA CIMA e as metonímias EFEITO PELA CAUSA e COISA PELA SUA REPRESENTAÇÃO. Por não apresentarem limites bem definidos dentro do *continuum* de gradualidade figurativa, não podemos dizer com precisão qual desses processos cognitivos é a base dessa metáfora. Não está muito claro se temos uma metáfora de origem metonímica ou se temos uma metonímia de base metafórica. Mesmo, assim, aceitamos como uma hipótese forte a motivação por correlações experienciais metonímicas na geração da metáfora primária QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL.

REFERÊNCIAS

- BARCELONA, Antonio. (2003). Clarifying and applying metaphor and metonymy. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf. (orgs). **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, p. 207-277.
- FARIAS, Emilia Maria Peixoto.; MARCUSCHI, Luiz Antonio. (2006). A linguagem e o pensamento metafóricos. In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi; BUSSONS, Aline Freitas. (orgs). **Faces da metáfora**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editores, p.111-130.
- GIBBS, Raymond W. Jr. (1994). **The poetics of mind**: figurative thought, language, and understanding. Cambridge: Cambridge University Press.
- Grady, Joseph (1997) **Foundations of Meaning**: primary metaphors and primary scenes, Ph.D. dissertation, University of California, Berkeley.
- KÖVECSSES, Zoltán. (2002). **Metaphor**: a practical introduction. Oxford: Oxford University Press.

Lakoff, George. (1987) **Women, fire, and dangerous things**. What categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press.

_____ (1993) The contemporary theory of metaphor, In: A. Ortony (ed.), **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 202-251.

Lakoff, George; Johnson, Mark (1980) **Metaphors We Live By**, Chicago: The University of Chicago Press.

_____ (1999) **Philosophy in the flesh**. The embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. (2002) **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução: Zanoto, Mara Sofia e Maluf, Vera. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ.

RADDEN, Günter. (2002) How metonymic are metaphors? In: Dirven, René & Pörings, Ralf (eds). **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin: Mouton de Gruyer, p. 407-434.

SILVA, Augusto Soares da. (2003) O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. In: **Revista portuguesa de Humanidades** 7. Braga: Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, p. 13-75.

TAYLOR, John. (1995) **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. Oxford: Clarendon Press.

